

## Que tradução?

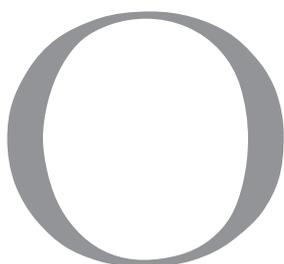
Milton Marques Júnior

### RESUMO

Intentamos com este trabalho fazer uma reflexão sobre a tradução de textos clássicos, mais especificamente textos da poesia latina. Antes de tudo, esclarecemos que este ensaio tem uma finalidade didática de expor uma possibilidade, entre outras, de tradução em versos metrificadas e ritmadas. Encarando a tradução como uma complexidade, qualquer que seja a língua a ser traduzida, procuramos, na prática diária do ensino do latim e da literatura latina, buscar meios e possibilidades de tradução para unir a máxima fidelidade possível ao texto latino a um trabalho estético, resultado nem sempre exitoso. Sendo assim, com base no conhecido epigrama XIX, do livro I de Marcial, fizemos, inicialmente, uma tradução operacional e, em seguida, fomos trabalhando o texto até chegarmos à tradução em versos heptassílabos duplos com rimas emparelhadas.

### PALAVRAS-CHAVE

Marcial; epigrama; tradução; poesia latina; tradução em versos.



O processo da tradução é sempre complexo. Não importa a língua que esteja sendo traduzida. Seja ela uma língua conhecida e moderna, seja ela uma língua moderna, mas não tão conhecida. Sabemos dos deslizos de tradução que ocorrem até no processo de tradução do francês, do inglês, do italiano e do espanhol para o português, mesmo sendo línguas mais próximas, em uso e bastante difundidas. Quando a tradução envolve uma língua como o latim e o grego antigos e clássicos, a complexidade aumenta, tendo em vista que essas línguas já não se falam e já não se usam cotidianamente, como no momento em que elas dominavam o mundo conhecido de uma certa Europa, incluindo a bacia do Mediterrâneo – norte da África e litoral da então Ásia Menor, descendo para o atual Oriente Médio.

Como ministramos uma disciplina, no curso de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba, que se chama *Prática de Tradução da Língua Latina*, sempre nos deparamos com muitas dúvidas sobre o processo de tradução dessa língua para o português. Procuramos mostrar aos estudantes que há traduções para todos os gostos. Desde aquelas que traduzem a essência, àquelas que se pretendem literais, passando, claro, pelas traduções poéticas. Todos estes matizes tradutórios apresentam seus problemas. A tradução da essência deixa de lado os detalhes e as minúcias da língua, necessários à análise do texto. As traduções literais não são possíveis, em se falando de modo estrito, tendo em vista que as estruturas de uma língua para outra são diferentes. Muito embora possa parecer elegante traduzir ao pé da letra um dativo de posse, esta não é uma estrutura da língua portuguesa. Já as traduções poéticas, estas me parecem as mais cheias de problemas. Quando o tradutor, por um motivo qualquer, resolve fazer uma tradução poética, ele tem de abrir mão de muita coisa da língua original e fazer concessões à poesia e, mais frequentemente, ao metro. Quanto mais a tradução sofre restrições, mais concessões se fazem e mais interferências e mutilações se operam no texto traduzido.

No que diz respeito ainda a uma tradução poética, é preciso ressaltar que se o tradutor impõe um metro, haverá restrições; se ele impõe um ritmo ao metro, as restrições serão ainda maiores; se ele impõe uma rima, as restrições aumentarão e haverá, certamente, uma

intromissão no texto latino, tendo em vista que a rima, como nós a conhecemos, não havia no texto latino. Sem falar que o sistema de metrficação do latim, cuja base é de pés, formados por sílabas longas e breves, é completamente diferente do sistema de metrficação português, cuja base é silábica, visto que a duração, que consistia na diferença entre breves e longas, não sobreviveu, como um sistema, do latim para a nossa língua.

Como podemos ver, trata-se de uma complexidade que tira o sono do tradutor. Uma coisa é dar aulas e saber explicar a estrutura morfossintática de uma língua como o latim, outra coisa é aprontar um texto com uma tradução que seja, a um só tempo, exata, fiel e legível. Lembrando que fidelidade aqui não deve ser entendida como literalidade. A fidelidade é uma tentativa de aproximação do texto traduzido, tanto quanto seja possível, com relação ao texto original, no caso, o latim.

Não devemos nunca esquecer que a tradução é, literalmente, conduzir através. Essa condução, permite várias indagações: Traduzir o quê? Traduzir como? Traduzir para quê? Traduzir para quem? Indagações que povoam, sem dúvida, a mente de quem lida constantemente com uma língua estrangeira, tanto mais quando se dedica ao estudo ou ao ensino de uma língua estrangeira e / ou de sua literatura. Lembremos que o verbo *duco* significa conduzir à frente e, embora vejamos comumente o processo da tradução como conduzido pelo tradutor, como se o tradutor fosse à frente, na realidade, a língua a ser traduzida é que o conduz até a sua língua de origem. O tradutor aparece como um ser ambíguo que conduz, mas que é conduzido pela língua que traduz e pelas informações do contexto daquela língua, visto que a tradução envolve mais do que o conhecimento da língua de partida (o latim) para a língua de chegada (o português). A tradução requer contexto, um contexto amplo, histórico, social, cultural, sem o qual, não haverá um entendimento do que foi traduzido. De que adianta fazer uma tradução correta, do ponto de vista da morfossintaxe, se não alcançamos a sua significação?

Veja-se como exemplo a frase seguinte:

*Via uiatores quaerit.*

Qualquer estudante com um semestre de latim básico

conseguirá traduzi-la – *O caminho procura caminhantes/A via procura viajores/O caminho busca viajantes/A via busca viajantes...* Há uma variedade para a tradução do texto, sempre envolvendo caminho/via; viajante/viajor/caminhante; buscar/procurar. No entanto, o que significa a frase, independente da escolha que se faça? Com efeito, não podemos esquecer que tradução é também escolha.

Se dissermos que esta frase foi colocada em 2012 no adro da Catedral de Notre-Dame, em Paris, começamos a estabelecer um contexto religioso para ela. Por outro lado, é bom lembrar que a Igreja Cristã dos primórdios foi chamada de *Igreja do Caminho*, conforme se encontra no *Ato dos Apóstolos* (9, 2; 19, 9; 24, 14 e 22). A partir daí, a dupla informação vai nos conceder um sentido para a frase. Não só a frase se vincula à religiosidade cristã, mas sobretudo se vincula a uma prática de apostolado. *O caminho procura caminhantes* tem o sentido de uma busca de pessoas dispostas a seguir o caminho de Cristo, fazendo a evangelização, conforme a intenção de Paulo e de tantos que palmilharam esse caminho no início do Cristianismo.

Essas considerações iniciais são necessárias para a discussão de um texto de Marcial muito conhecido, de que ousamos fazer uma tradução em versos. Trata-se do epigrama XIX do livro 1, que transcrevemos a seguir:

*Si memini, fuerant tibi quattuor, Aelia, dentes:  
expulit una duos tussis et una duos.  
Iam secura potes totis tussire diebus:  
nil istic quod agat tertia tussis habet.*

A este poema demos a seguinte tradução:

*Se me lembro, Élia, tu tinhas quatro dentes:  
uma tosse expeliu dois e outra tosse outros dois.  
Já podes, segura, tossir por dias inteiros:  
nada há lá que uma terceira tosse leve adiante.*

Inspiramo-nos para este trabalho no livro de Jean Malaplate (MARTIAL, 1992), em que este autor publica pouco mais de uma centena de epigramas de Marcial, traduzidos em língua francesa, em versos metrificados e rimados. Poderíamos dizer que a questão com que Malaplate abre a sua explicação sobre a tradução de Marcial pode ser

aplicada à tradução de uma maneira geral e, mais especificamente, aos textos clássicos greco-latinos:

*Comment traduire Martial? Envers, d'abord, bien entendu, car que reste-t-il d'une épigramme en prose? Moins enconre, s'il se peut, que de tout autre poème, puisque l'humour du trait vient ici de la concision de la forme et de son aparente nécessité, soulignée par un mètre rigoureux em latin, par le rythme et la rime em français* (MARTIAL, 1992, p. 16).<sup>1</sup>

Esta inquietação de Malaplate tem também o sentido de justificar a sua tradução de Marcial em versos, sem querer rivalizar com o laconismo da língua latina, mas tentando ir até o ponto em que permite a língua francesa, e não querendo, sobretudo, reproduzir a métrica latina, por saber, tratar-se de um outro sistema que diverge do sistema da sua língua natal (MARTIAL, 1992, p. 17). Na sua tradução, Malaplate utiliza-se de três metros: o octossílabo, o decassílabo e o alexandrino, optando, segundo as circunstâncias, pela transformação do dístico em quarteto, de maneira a tirar um maior proveito do verso de Marcial. O que nos chamou a atenção na tradução de Malaplate é o fato de que o tradutor confessa não ter tido a intenção de substituir o poeta – desejo de muitos tradutores, diga-se de passagem –, “*mais de faire entendre savoix, aussi peu déformée que possible par le passage d'une langue à l'autre et le changement de conventions poétiques*” (MARTIAL, 1992, p. 18).<sup>2</sup> Este também é o nosso propósito: trabalhar o texto de Marcial, realizando uma tradução que procure uma fidelidade possível ao texto do poeta, aliando-se-lhe um efeito estético, com a consciência de que isto nem sempre é extensivo a todos os epigramas. Começemos por analisar a tradução operacional, partindo dela para a tradução em versos.

Do ponto de vista da morfossintaxe latina, a complexidade do texto está apenas no primeiro verso, tendo em vista a existência de um verbo defectivo (*memini*), que só tem *perfectum*, mas no caso pode e deve ser traduzido pelo *infectum*. Este verbo impõe a utilização do *perfectum* de *sum* (*fuerant*), mas que igualmente deve ser traduzido como *infectum*. Por que isto? Porque a lembrança do eu satírico do poema se impõe como uma ação não concluída, considerando, sobretudo, a existência do interlocutor traduzido pelo dativo *tibi* e reforçado pelo vocativo *Aelia*. A utilização do *perfectum* com *expulit* (*expello*) é correta, pois denota a conclusão de uma ação: por conta de duas tosses, Élia

expulsou os quatro únicos dentes que havia em sua boca. Há uma necessidade do *perfectum*, da ação concluída, para que a sátira se realize como ação contínua; poder tossir por dias inteiros, pois já não há mais nada a expelir.

Por outro lado, a complexidade se acentua quando observamos a estrutura de um dativo de posse (coisa possuída no nominativo – *quattuor dentes*; possuidor no dativo – *tibi*; utilização do verbo *sum* com o sentido de existir), estrutura que não persistiu na língua portuguesa. Como dissemos anteriormente, é elegante e tentador fazer a tradução do seguinte modo:

Se me lembro, Élia, existiam para ti quatro dentes:

No entanto, essa estrutura, por mais elegante que pareça, não é portuguesa, pelo menos português do Brasil. Assim, optamos pela estrutura que nos parece a menos invasiva, em relação ao latim, tendo em vista que essa língua também admite a ideia de posse com o verbo *habeo*. Nos versos seguintes, a tradução flui naturalmente, visto que não existem entraves a prejudicar o trabalho do tradutor.

A utilização de *tussio* (*tussis*, *tussire*), verbo defectivo conjugado só no *inflectum* e de sentido apenas intransitivo no latim, dá-nos a noção continuada e não terminada da ação: Élia pode tossir por dias inteiros, visto que a ação desencadeada pela tosse já se realizou completamente com a expulsão dos seus únicos quatro dentes. No que diz respeito à tradução, optamos por traduzir o ablativo *totis diebus* como “por dias inteiros” e não como “todos os dias”, conforme algumas traduções<sup>3</sup>. Convenhamos que “tossir todos os dias” é bem diferente de “tossir por dias inteiros” ou “tossir todo o dia”, caso estivesse no singular, em latim. Por outro lado, com a escolha que fizemos, asseguramos a continuidade da ação do *inflectum*, sem qualquer consequência para Élia, bem como conseguimos uma tradução mais fiel, que comporta, inclusive, a aliteração das dentais /t/ e /d/, assim como da bilabial /p/, que procuram nos transmitir o barulho da tosse renitente, sem a necessidade de invenções poéticas que poderiam violentar o verso original. Saliente-se que a sátira vai além do fato de Élia ter tido apenas quatro dentes e tê-los expelido após duas tosses. Élia tosse com frequência, o que aumenta potencialmente a ironia do poema. Élia não tem saúde e já não tem dentes.

Observe-se, ainda, que fizemos uma tradução em versos, mas versos livres, próxima da prosa, porque entendemos que a tradução de versos de uma língua para outra não deve ser necessariamente metrificada e ritmada, pelas razões já expostas. Particularmente, entendemos que se a tradução não pode ser em versos livres, que ela seja em prosa, pois a prosa dá uma flexibilidade maior ao tradutor, tendo em vista o sintetismo da língua latina em oposição à característica analítica e perifrástica da língua portuguesa. Concordamos piamente com E. de Saint-Denis, para quem a tradução em prosa de um texto originalmente em versos é a que corresponde melhor ao sentido:

*Je m'obstine à croire qu' une traduction en prose, si la langue et le style en sont assez souples, peut être l'écho le moins imparfait de tout ce qui peut être perçu dans l'original (In: VIRGILE, Bucoliques, p. 33).<sup>4</sup>*

O fato de comungarmos com o pensamento de E. de Saint-Denis não exclui a possibilidade de tentarmos uma tradução em versos metrificados, nos parâmetros que já estabelecemos. Instigado por tantas traduções em versos metrificados, ritmados e rimados, resolvemos dar um exemplo de como poderíamos proceder diante da tradução de um texto latino, procurando não violentá-lo ou, em sendo a tradução sempre uma interferência, procurando interferir o menos possível com relação ao original. Sendo o ritmo latino e seu metro diferentes do usado em português, buscamos na sua construção a medida aproximada com dois versos heptassílabos, imitando em comprimento o hexâmetro e o pentâmetro, versos que compõem o dístico original. Com um verso de quatorze sílabas, ritmado em seis pausas, aproximamo-nos, então, da medida latina, do pé, para constituir a nossa tradução. Ressaltamos, no entanto, que, ao introduzirmos a rima, colocamos uma estranheza no sistema do latim, vez que a rima como a conhecemos não era utilizada nem no verso latino nem no grego. Eis o epigrama pronto, com dois versos de quatorze, em um dístico bem marcado por um ritmo de seis pausas, sem pensar em longas ou breves, sendo a rima emparelhada:

Epigrama XIX, em heptassílabos duplos

Élia, se eu me lembro bem, quatro dentes é o que tinhas,  
uma tosse expeliu dois, outra os outros que mantinhas.  
Tu, então, podes tossir já segura todo o dia:  
nada há que terça tosse leve em boca vazia.

A intromissão visível é a da rima. Outras intromissões são mínimas, como o verbo *manter*, que não existe no original. Utilizamos o advérbio *bem*, que aparece, quase sempre, como uma espécie de “tapa-buraco” da métrica, na poesia popular – lembremos que o epigrama de Marcial ganhou grande popularidade, a ponto de o poeta não só fazer propaganda de seus livros, mas também de indicar os lugares em que se poderiam encontrá-los para a compra. No caso de nossa tradução, o advérbio se aplica como reforço da reminiscência. Na construção do texto da tradução, pensamos como primeira opção a seguinte forma para os dois últimos versos:

Tu já podes, e segura, então, tossir todo o dia:  
outra tosse encontrará tua boca bem vazia.

A nosso ver, tratava-se de uma solução razoável, mas sentíamos que os versos podiam ser melhorados, sobretudo porque havia uma repetição do advérbio *bem* no último verso. Já havíamos introduzido o *então* conclusivo e não estávamos contentes com a repetição do advérbio nem com a introdução do indefinido *outra*. Depois de algumas tentativas, sempre preocupado com a maior aproximação possível de nossa tradução com o original latino, chegamos à seguinte escolha:

Tu, então, podes tossir já segura todo o dia:  
nada há que terça tosse leve em boca vazia.

O que mudou? Colocamos o *já* perto do *segura*, que nos pareceu mais próximo do original, o verso ganhou mais ritmo, pois não precisamos forçar a pausa na sílaba *-to*, de *tossir*, na segunda metade do primeiro verso. Com relação ao último verso, a opção de *terça*, em lugar de *terceira*, pareceu-nos mais apropriada, pois permitiu-nos incluir *tosse*, como consta no original, além de recuperar o sentido do verbo *ago*, *agere*, *tocar para a frente*, *levar para a frente*, e a forma temporal, que se perdeu na solução anterior, em que *ago* foi substituído pelo verbo encontrar, com sentido e tempo diferentes do texto original.

Resta-nos explicar o sintagma *boca vazia*. Acreditamos que *nil*, *nada*, já nos autoriza a usar o adjetivo *vazia*, assim como o dêitico *istic*, *lá*, *ali*, remete-nos à localidade em que se encontravam os dentes, a boca.

Uma coisa que merece alusão é no concernente à construção

do duplo heptassílabo. Como a base foi o redondilho maior, foi fácil juntarmos dois versos em um único, pois, na oralidade, eles parecem dois versos independentes. De tal modo que, mesmo que sobre uma sílaba ao final do heptassílabo inicial, esta sílaba será desprezada pela prolação, sem afetar o ritmo do verso, como podemos observar em *nada há que uma terça tosse*, em que a sílaba *-sse* é desprezada por ser átona e quase não ser ouvida.

Finalizando, gostaríamos de ressaltar que não somos contra a tradução em versos metrificados e ritmados, somos contra o afastamento deliberado do texto original, criando-se um novo texto, que guarda com o traduzido apenas pontos de contato, na essência e não nos detalhes. Salientamos também que o fato de termos traduzido Marcial em versos não faz de nós um poeta. Nosso objetivo é nada mais que um exercício tradutório. Um exercício possível. É certo que precisamos mais e mais refletir sobre o processo de tradução e sobre o tipo de tradução que queremos. Devemos, ao menos, explicitar isto quando da publicação do que se traduziu. Esperamos, pois, que com este ensaio possamos ter contribuído para mais uma reflexão sobre a tradução de textos latinos.

RÉSUMÉ

Quelle traduction?

Avec ce travail, nous avons le dessein de faire une réflexion sur la traduction de textes classiques, notamment, textes de la poésie latine. Avant toute chose, nous voudrions rendre clair que cet essai a comme but être didactique et exposer une, entre autres, traduction en vers métriques et rythmés. Comme nous considérons la traduction une complexité, quelle que soit la langue qui doit être traduite, nous cherchons, jour après jour, en ce qui concerne l'enseignement de la langue et de la littérature latines, des moyens et des possibilités de traduction avec la fin d'unir une fidélité textuelle à un travail esthétique, dont la réussite n'est toujours pas certaine. À partir, donc, de la très connue épigramme XIX, du livre I de Martial, nous avons fait, d'abord, une traduction opérationnelle et, ensuite, nous avons travaillé le texte jusqu'à l'obtention d'une traduction en vers heptasyllabes doublés avec des rimes plates ou suivantes.

MOTS-CLÉS

Martial; épigramme; traduction; poésie latine; traduction en vers.

NOTAS

<sup>1</sup> “Como traduzir Marcial? Em versos, primeiramente, bem entendido, pois o que resta de um epigrama em prosa? Menos ainda, se é possível, que com relação a qualquer outro poema, visto que o humor do traço espirituoso vem aqui da concisão da forma e de sua aparente necessidade, sublinhada por um metro rigoroso em latim, pelo ritmo e pela rima em francês.”

<sup>2</sup> “mas de fazer ouvir a sua voz, o menos deformada possível pela passagem de uma língua a outra e pela mudança de convenções poéticas”.

<sup>3</sup> Consultamos as traduções de Mario Scàndola (MARZIALE, 2008) e de H.J. Izaac (MARTIAL, 1961). Aproveitamos para esclarecer que o texto latino utilizado segue a lição de H.J. Izaac.

<sup>4</sup> Eu me obstino a crer que uma tradução em prosa, se sua língua e seu estilo são bastante flexíveis, pode ser o eco menos imperfeito de tudo o que pode ser percebido no original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIAL. **Épigrammes**. Texte établi et traduit par H.J. Izaac. 2. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

\_\_\_\_\_. **Épigrammes**. Traduction et présentation de Jean Malaplate. Édition bilingue. Paris: Gallimard, 1992.

MARZIALE. **Epigrammi**. Saggio introduttivo di Mario Scàndola, note di Elena Merli. 3. ed. Milano: BUR, 2008.

VIRGILE. **Bucoliques**. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis; nouvelle édition revue et augmentée d'un commentaire; cinquième tirage revu, corrigé et augmenté d'un complément bibliographique par Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.